

O potencial do turismo de base comunitária (TBC) a partir do Grupo Bem-Estar no Assentamento 72 em Ladário, MS

The potential of community-based tourism (CBT) from the Group Bem-Estar in the Assentamento 72 in Ladário, MS

El potencial del turismo de base comunitaria (TBC) del Grupo Bem-Estar en el Assentamento 72 de Ladário, MS

João Pedro Ferraz Zanetoni¹

Geraldino Carneiro de Araújo²

Milton Augusto Pasquotto Mariani³

¹ Doutorando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAD) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e integrante de projetos e grupos de pesquisa que desenvolvem trabalhos sobre comunidades rurais, economia solidária e turismo de base comunitária (TBC). É Mestre em Administração pelo PPGAD/UFMS, especialista em Estatística Aplicada pela UNOPAR e bacharel em Administração pela UFMS. **E-mail:** joao.zanetoni@ufms.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9272-4898>

² Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bacharel em Administração pelas Faculdades Integradas Rui Barbosa (FIRB). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e está vinculado ao Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) da UFMS, como Professor Permanente. **E-mail:** geraldino.araujo@ufms.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-7506-703X>

³ Pós-Doutorado em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Geografia (Geografia Humana) pela USP. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), credenciado nos Programas de Pós-Graduação em Administração e em Estudos Fronteiriços. Tem experiência na área de Administração, Turismo, Desenvolvimento Regional e Local, Tecnologias Sociais, Economia Solidária e Planejamento. **E-mail:** milton.mariani@ufms.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9485-0150>

Resumo: O Turismo de Base Comunitária (TBC) surge como uma forma de gestão do turismo em que os atores comunitários têm papel ativo. Ele é marcado pela coletividade, pela valorização do patrimônio local e pelo roteiro turístico que compreende a comunidade local. Em assentamentos rurais, algumas pesquisas apontam potenciais de desenvolvimento do TBC, mas esbarram na falta de participação e estrutura adequada. O presente estudo tem por objetivo avaliar o potencial para desenvolver o TBC no Assentamento 72 em Ladário, Mato Grosso do Sul, a partir das atividades do Grupo Bem-Estar. A pesquisa é exploratória com abordagem qualitativa, e os dados foram coletados utilizando a Entrevista de História Oral Temática e analisados a partir da análise de conteúdo. Existe um potencial de desenvolver o TBC, visto que o grupo tem estrutura formada, a participação coletiva é fomentada e há a comercializações de produtos locais e valorização da cultura e dos saberes camponeses, esbarrando, porém, na relação problemática com a prefeitura do município.

Palavras-chave: turismo de base comunitária; TBC; assentamentos rurais; autogestão; agroecologia.

Abstract: Community-Based Tourism (CBT) emerges as a form of tourism management where community actors have an active role. It is marked by collectivity, appreciation of local heritage and a tourist itinerary that includes the local community. In rural settlements, some research points to the potential for developing CBT, but comes up against a lack of participation and adequate structure. The present study aims to evaluate the potential for developing CBT in Assentamento 72 in Ladário, Mato Grosso do Sul, based on the activities of the Grupo Bem-Estar. The research is exploratory with a qualitative approach, data was collected using the Thematic Oral History Interview and analyzed using content analysis. There is potential to develop the CBT since the group has a formed structure, collective participation is encouraged, and there are sales of local products and appreciation of peasant culture and knowledge, although facing a problematic relationship with the city council.

Keywords: community-based tourism; CBT; rural settlements; self-management; agroecology.

Resumen: El Turismo de Base Comunitaria (TBC) surge como una forma de gestión turística donde los actores comunitarios son protagonistas, está marcado por la colectividad, la valorización del patrimonio y un itinerario turístico que incluye a la comunidad local. En los asentamientos rurales, algunas investigaciones señalan el potencial para desarrollar la TBC, pero tropiezan con una falta de participación y de estructura. Esta investigación tiene como objetivo evaluar el potencial de desarrollo de TBC en el Assentamento 72 de Ladário, Mato Grosso do Sul, a partir de las actividades del Grupo Bem-Estar. La investigación es exploratoria con enfoque cualitativo, los datos fueron recolectados mediante la Entrevista Temática de Historia Oral y analizados mediante análisis de contenido. Hay potencial para desarrollar el TBC ya que el grupo tiene una estructura formada, se incentiva al colectivo, hay venta de productos y valoración de la cultura y conocimientos campesinos, pero se topan con una relación problemática con el ayuntamiento.

Palabras clave: turismo de base comunitaria; TBC; asentamientos rurales; autogestión; agroecología.

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960, assiste-se, no Brasil, a uma onda de profundas transformações na agricultura e nos espaços rurais; desde mudanças no que tange à dimensão econômica, até mudanças no controle e na gestão dos espaços rurais, os quais foram cada vez mais monopolizados por grandes latifundiários portadores de capital. Tais mudanças causaram impacto direto em pequenos agricultores camponeses, que passaram a ter menos trabalho e acesso à terra, o que gerou diversos conflitos de ordem territorial, resultando na criação de assentamentos rurais.

Se, por um lado, os assentamentos rurais são a manifestação física da luta camponesa por autonomia e controle da própria terra, existem diversas relações internas neste tipo de território, que são tão voltadas à lógica mercadológica quanto à lógica camponesa de produção e organização do trabalho. Ou seja, dentro de assentamentos rurais também existem práticas que se mostram contraditórias. Mesmo conquistando seu território, o camponês não conquista totalmente sua autonomia, apesar de diversas relações dentro de assentamento apontarem para uma luta/busca por autonomia, para se livrar das práticas capitalistas na produção e organização do trabalho. Isso é apontado em trabalhos que desenvolvem a temática observando casos práticos no Brasil.

Entre várias práticas tipicamente camponesas, a formulação de associações de moradores é marcante em diversos trabalhos. Essas associações assumem diversas formas de se estruturar, interagir e até produzir. Além disso, a agroecologia se mostra uma prática de produção de destaque em assentamentos rurais, unindo as tradições camponesas com abordagens totalmente livres de agrotóxicos, prezando pelo bem-estar da terra, incentivando a policultura e produzindo alimentos não agressivos para saúde humana e/ou animal.

Em termos de gestão, essas associações de moradores mostram uma capacidade de cooperativismo e solidariedade camponesas, unidas ao apreço e à agregação de valor simbólico ao território. As relações camponesas advindas são pautadas nos pilares da solidariedade, da cooperação e do pertencimento. Além disso, o incentivo pela participação da comunidade

local e as práticas econômicas que valorizam o território abrem portas para outras atividades, como o turismo.

O turismo se trata de uma atividade com diversas facetas, mesmo tendo um apelo econômico que se faz muito forte. Além de atividade econômica, o turismo é também uma prática social, a qual existe em consonância com a reprodução social de uma comunidade. Mesmo podendo valorizar comunidades, o turismo também é uma atividade com inúmeras contradições e conflitos e de interesse; se, por um lado, contribui com o desenvolvimento local, por outro pode alterar ambientes naturais, assim como afastar os moradores locais da gestão do turismo, tornando-o monopolizado. Nesse sentido, o Turismo de Base Comunitária (TBC) é uma forma de gerir o turismo que o adequa à comunidade, não o oposto.

Em comunidades camponesas, como assentamentos rurais, o TBC já foi estudado como possível atividade a contribuir com a autonomia comunitária. Nesse caso, são encontrados potenciais locais que esbarram em questões de infraestrutura e alinhamento de estratégias entre os envolvidos. Mas as associações de moradores locais se mostram uma alternativa para adequar as ideias da comunidade e organizar a atividade turística. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender o potencial para desenvolver o TBC no Assentamento 72 em Ladário, Mato Grosso do Sul, a partir das atividades do Grupo Bem-Estar. Especificamente, pretende-se: 1) caracterizar as atividades e gestão do Grupo Bem-Estar e; 2) avaliar as potencialidades do TBC no assentamento a partir do grupo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O turismo é uma atividade econômica que tem um potencial de dar visibilidade para uma comunidade, estruturando uma base de vida sustentável, gerando empregos, melhorando a relação com o meio ambiental e social etc. Ao ofertar atividades e serviços turísticos, espera-se que a comunidade se destaque, tornando-se mais visível, possibilitando, assim, maior interação e protagonismo entre os atores locais (Coriolano, 2012).

Contudo, o desenvolvimento da atividade turística – particularmente no Brasil – ocorreu de forma tão acelerada que tal processo acarretou um

aumento substancial do fluxo de pessoas visitantes em detrimento do meio ambiente, com uma enorme geração de resíduos, além de suscitar questões socioculturais e econômicas. Nesse sentido, fica evidente um fomento ao modelo que torna escassos os espaços para afirmação comunitária em empreendimentos ligados ao turismo (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009).

Com esse acúmulo de impactos, tornou-se comum encontrar destinos turísticos marcados por uma mudança na identidade do território onde a atividade foi introduzida. Nesse sentido, esse turismo avassalador gera fluxo de pessoas e dinheiro, mas a monopolização da atividade contribuiu para a precarização da comunidade receptora. Esse processo de mudanças nas comunidades acaba por ferir o que o turismo apresenta como essência ao afastar os moradores da gestão da atividade e de seu próprio patrimônio local, degradando paisagens naturais e até mesmo culturas populares (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009).

Trata-se, portanto, de um turismo predatório e de massa. Freire (1967) e Escobar (2005) contribuem bastante para a compreensão da lógica por trás desse modelo. Para Escobar (2005), o turismo de massa se agarra a um viés econômico que se fixou mundialmente, o qual tem por característica básica a busca pela maximização do lucro. Esse sistema se aproveita de todo o patrimônio local, utiliza todo o acúmulo histórico/cultural da região em benefício próprio e afasta totalmente a comunidade local do processo. Freire (1967) já ressaltava que o desenvolvimento turístico no Brasil se protagoniza por afastar os indivíduos locais da capacidade de tomar decisões e questionar esse modelo turístico, que é construído de fora para dentro e acaba por contribuir para a perda da identidade local.

Diante de questionamentos sobre esse tipo de turismo e seus efeitos nas comunidades, algumas abordagens sobre o tema passaram a utilizar uma “roupagem” que se pautava no ambientalmente correto e valorizador das paisagens e culturas. Tipos de turismo como ecoturismo, turismo rural, turismo cultural, entre outros, sugerem alguns parâmetros para a sustentabilidade da atividade vinculada com o desenvolvimento local. Porém, mesmo nesses tipos de turismo, o afastamento da população local ainda é evidenciado e é preciso tomar certo cuidado para não padronizar um modelo

que se vende como sustentável, mas permanece retirando a autonomia da população (Zanetoni *et al.*, 2022).

Em contrapartida a esse modelo predatório de turismo, surge o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma alternativa de gestão da atividade turística pautada nos valores locais, nos atores da comunidade tomando decisões sobre o turismo que acontece em seus territórios (Barros; Rodrigues, 2019). O TBC tem como característica a comunidade local participando ativamente do planejamento e da execução dos serviços e produtos turísticos, permitindo a real valorização do patrimônio local (ambiental e cultural), das rotinas locais, dos produtos, dos produtores e dos comerciantes locais (Sebele, 2010).

O TBC é um modelo de desenvolvimento da atividade turística em que a gestão do turismo é protagonizada pelos atores locais, que utilizam de fatores endógenos de uma determinada localidade. Trata-se de um tipo de turismo formalizado de dentro para fora, ou seja, é idealizado e gerido pelas pessoas locais, levando em conta sua cultura, seu ambiente, suas rotinas e seus produtos (Costa, 2013).

Embora o TBC tenha alcançado uma grande visibilidade recentemente, posicionando-se como um modelo contra-hegemônico de gestão do turismo, autores como Blackstock (2005) já afirmavam que a consolidação do TBC enquanto prática dependia de uma literatura mais sólida. Mais recentemente, Fabrino, Nascimento e Costa (2016) vão ao encontro dessa afirmação ao concluírem que a literatura sobre TBC descreve um modelo um tanto utópico e idealizado, considerando muito pouco as características peculiares de cada comunidade.

Essa premissa também guia o trabalho de Zanetoni *et al.* (2022), que foca o estudo em assentamentos rurais. Os autores desenvolvem três grandes dimensões do TBC, que servem como categorias analíticas para casos práticos, permitindo uma maior compreensão da realidade em assentamentos rurais. Em cada dimensão, os autores apontam dinâmicas existentes entre assentados, pautam-se, principalmente, em colaboração, solidariedade e valorização do local. São três grandes dimensões desenvolvidas pelos autores:

- **Gestão Comunitária (I):** a autogestão democrática e a integração de atividades são aspectos frisados nessa dimensão. Dizem respeito a

prezar pela característica camponesa de tomada de decisão e gestão participativa, além de afirmarem que o turismo pode se vincular com diversas atividades econômicas desenvolvidas pelos camponeses.

• **Valorização do Patrimônio (II):** o patrimônio ambiental e o histórico/cultural são discutidos nessa dimensão como parte da comunidade; sendo assim, o TBC assume um papel de destacar esses aspectos, não pensando apenas na preservação, mas também na valorização.

• **Roteiro Turístico (III):** o roteiro turístico deve considerar as rotinas da comunidade e os produtos locais. O TBC tem como característica protagonizar a comunidade, aproximando o turista das rotinas e dos produtos desenvolvidos internamente, formando um vínculo com as características endógenas do camponês e seus produtos típicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é exploratória, com uma abordagem qualitativa, e a coleta dos dados seguiu duas etapas distintas. A primeira delas foi a identificação do sujeito da pesquisa, que se baseou em dados secundários. Chegou-se ao Grupo Bem-Estar por meio de trabalhos (Feiden; Juliano; Costa, 2021; Costa; Martins; Cunha, 2021) desenvolvidos por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Embrapa Pantanal.

A segunda etapa da coleta de dados utilizou o método da entrevista de história oral temática. Trata-se de um procedimento metodológico de análise da própria realidade que se estrutura na qualidade e na profundidade da investigação, sendo necessário muito cuidado ao estabelecer os sujeitos da pesquisa e na condução da entrevista (Pasinato, 2020). A história oral é muito utilizada em pesquisas que buscam reflexões a partir do traço histórico que envolvem os sujeitos. Na história oral temática, a entrevista se desenvolve a partir de uma discussão focada em um objeto/tema, mas deixando espaço para que outros surjam (Meihy; Holanda, 2015).

A entrevista foi conduzida com a líder do grupo, e o relato teve duração de uma hora e vinte minutos, o qual, posteriormente, foi transcrito na íntegra. O roteiro de entrevista foi feito a partir dos conceitos trabalhados na seção teórica da pesquisa, buscando avaliar aspectos da gestão das

atividades feitas pelo Grupo Bem-Estar e as potencialidades turísticas a partir das dimensões desenvolvidas por Zanetoni *et al.* (2022): (i) gestão comunitária; (ii) valorização do patrimônio e; (iii) roteiro turístico. O Quadro 1 mostra a esquematização das etapas da pesquisa.

Quadro 1 - Etapas da condução da pesquisa

Etapa	Objetivo	Instrumento	Desenvolvimento
1	Levantamento teórico e criação de categorias de análise	Revisão de literatura	Três grandes dimensões que norteiam o TBC: 1) a gestão comunitária , que diz respeito às organizações e estratégias de gestão da atividade; 2) a valorização do patrimônio local , que compreende (re)utilizar e (re)valorizar a própria estrutura histórica/cultural e ambiental da comunidade; 3) o roteiro turístico , que é idealizado a partir das práticas locais de produção e rotinas comunitárias.
2	Identificação do sujeito da pesquisa	Dados secundários (pesquisas desenvolvidas no Assentamento 72)	Identificação do Grupo Bem-Estar, uma associação de moradores no Assentamento 72.
3	Compreensão das relações internas e externas do Grupo Bem-Estar	Dados primários (entrevista de história oral temática)	Entrevista com a líder do Grupo Bem-Estar, para entender a gestão do grupo e as dimensões do TBC (gestão comunitária, valorização do patrimônio e roteiro turístico).

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Posteriormente, os dados foram tratados e analisados utilizando preceitos da análise de conteúdo, baseando-se em Bardin (2015). A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações com a finalidade de obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo coletado e indicadores, quantitativos ou não, que possibilitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção dos materiais coletados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentados os resultados da pesquisa. Visando cumprir o objetivo geral, primeiramente será apresentado o Grupo Bem-Estar e abordada a maneira como é feita a gestão de suas atividades. Posteriormente, será discutido o potencial de desenvolvimento do TBC no assentamento a partir das dimensões teóricas tratadas anteriormente.

4.1 O grupo bem-estar

Um projeto de pesquisa idealizado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e aprovado em 2010, chamado de “Alternativas para o desenvolvimento territorial rural do Assentamento 72, em Ladário, MS, na região do Pantanal”, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e conduzido por professores do Câmpus do Pantanal da UFMS e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Pantanal) foi o marco introdutório da agroecologia no assentamento.

Anterior a esse período, os camponeses tinham dificuldades de comercialização dos produtos, e as famílias se encontravam em situações de extrema pobreza, como visto na fala: *“Eles vendiam na rua, iam de bicicleta ou carroça na cidade pra vender. Até conseguiam vender tudo, mas a produção era muito pequena”* (Líder do Grupo Bem-Estar). Somado a isso, o assentamento tinha de lidar com a falta de água e a dificuldade de acesso à ela, o que complicou ainda mais a produção.

Uma vez iniciado o projeto com os camponeses, o assentamento conquistou poços artesianos e teve acesso à água; contudo, descobriu-se que se tratava de uma água insalubre, o que não permitia o consumo e a produção. Essa dificuldade foi superada por insistência do projeto e dos camponeses, os quais provaram ser possível a produção dos alimentos agroecológicos, mesmo com a condição da água.

A experiência com agroecologia abriu portas para os assentados, apesar das desconfianças, dos desafios e medos. A consequência foi que outros começaram a se envolver, e, em 2015, o Grupo Bem-Estar foi inaugurado. As falas relatam essas experiências:

Quando começamos a plantar de forma agroecológica, ficávamos pensando se íamos conseguir, tínhamos medo de não dar conta de diversificar. Todos do grupo passaram por essa insegurança (Líder do Grupo Bem-Estar). Quando a UFMS chegou com a proposta, essa desconfiança já existia, mas eles de fato nos acompanharam, seguiram junto até hoje. O professor faz parte da história do assentamento, mas no começo existia muita desconfiança. Agora, tem até mais alguns querendo entrar pro grupo. Éramos cinco, eu entrei a convite e agora faço parte, e produzimos de forma agroecológica (Líder do Grupo Bem-Estar).

Atualmente, o grupo conta com sete famílias camponesas que são moradoras do assentamento. Além dos moradores, os pesquisadores da UFMS e da Embrapa Pantanal fazem parte das reuniões. Os camponeses têm autonomia nas decisões, mas prezam pela comunicação e participação de todos.

Desde sua inauguração, em 2015, o grupo foi estruturado de forma endógena. Eles contam com três posições de destaque (líder, vice-líder e suplente), que são escolhidas de forma aberta, pelos próprios integrantes da associação, a cada quatro anos. Atualmente, eles se encontram no segundo ciclo de mandato. O grupo se reúne para discutir as questões relacionadas a ele semanalmente, com foco na produção e organização da comercialização dos itens:

Fazemos reuniões semanais, em lotes diferentes, cada uma em um lote. Conversamos sobre as produções, fizemos relatos sobre o Sacolão, o andamento, a quantidade vendida. Conversamos sobre cuidados com a produção, os professores dão dicas de cuidado para com a produção (Líder do Grupo Bem-Estar).

A organização e as estratégias do grupo prezam pela participação coletiva, e todos os integrantes possuem voz ativa. Essas características corroboram os trabalhos de Ramos e Borges (2021), que também apontam para participação coletiva, associativismo e cooperação camponesa. Ainda assim, existem atritos e conflitos, que também são resolvidos entre os próprios integrantes: *“Somos bem estruturados, temos transparência, distribuição justa de renda. Tem diferença de ideias e rixas, mas no fim se entende. Democracia é isso, é debate e compreensão” (Líder do Grupo Bem-Estar).*

O grupo tem uma atividade conjunta de comercialização, o Sacolão Agroecológico. Todas as famílias que compõem o grupo (sete, atualmente) produzem de forma agroecológica e, semanalmente, somam os produtos disponíveis e comercializam diretamente com os clientes. A partir da lista de produtos disponíveis, cada cliente monta seu próprio Sacolão e o recebem em suas próprias casas. Os integrantes do grupo buscam comercializar os produtos de forma mais igualitária possível, prezando pela equidade na distribuição de renda, o que aponta para uma característica de solidariedade (Maia; Gomes, 2020).

A atividade é organizada e gerida pelos próprios integrantes do grupo, por meio de uma somatória de esforços (lidar com tecnologia, montar as sacolas, realizar entrega, fazer o controle etc.). A agroecologia atua como a principal forma de produção de alimentos no assentamento e tem o destaque na venda dos produtos:

[...] o que mantém nosso grupo fornecendo mercadoria é diversidade e controle. Tem produtos que somente algumas pessoas específicas conhecem e vão consumir, então podemos controlar as demandas nesse sentido. Algumas pessoas queriam o Sacolão justamente pela mostarda, então ela só encontra aqui. [...]. A alface mesmo, todo mundo come e quer, e o Grupo Bem-Estar oferece diversidade até nisso porque temos o roxo, o americano [...] (Líder do Grupo Bem-Estar).

A autogestão e a organização de atividades conjuntas são marcas territoriais do camponês. Moreira-Golçalves (2020) destaca essa característica como marcante em assentamentos rurais. Além disso, tudo que é construído em um território se torna patrimônio daquele local. No campesinato, é muito comum as relações de produção abarcarem relações sociais (construídas histórica e culturalmente) e também relações com meio ambiente; uma coexistência com a terra (sua terra, seu lar) (Ploeg, 2020).

A agroecologia assume esse mesmo duplo papel; é tanto uma prática produtiva que se atrela às relações com o meio ambiente quanto também é uma prática que resguarda o conhecimento e as relações históricas dos camponeses (Giraldo; Rosset, 2016). Todos os membros do Grupo Bem-Estar são famílias produtoras agroecológicas, que têm, como marca registrada, a diversificação e a absoluta não utilização de agrotóxicos de nenhum tipo. O resultado são produtos saudáveis e diversificados que atraem clientes

para compra.

Além disso, essa prática produtiva pode se expandir e abrir possibilidades de visitas, conversas e oficinas para turistas, preservando ainda mais o patrimônio histórico e ambiental e permitindo novas experiências para os turistas (Xavier *et al.*, 2017; Campos; Silva, 2020). Contudo, não existem atividades turísticas sendo realizadas no assentamento, apesar do trabalho de Kukiel, Costa e Mariani (2016) apontar alguns potenciais.

Em Zanetoni *et al.* (2022), os autores destacam que essa dimensão do TBC é onde o protagonismo da comunidade transcende a gestão da atividade turística em si; ou seja, o roteiro turístico abarca toda a produção local e as rotinas da comunidade. Nesse sentido, a atividade do Sacolão Agroecológico se destaca como um potencial.

A proximidade com a comunidade local, por meio da comercialização direta, permite contato entre morador local e camponês produtor. Essa proximidade é o que faz o turista experimentar as rotinas locais (Oliveira; Diogenes; Almeida, 2021) e é relatada da seguinte forma: “*A proximidade com o cliente cria um certo vínculo, de chamar pelo nome de forma descontraída*” (Líder do Grupo Bem-Estar). Além de oferecer produtos locais cultivados por meio da agroecologia, o Sacolão Agroecológico carrega um aspecto simbólico por se tratar de anos de construção, colaboração e luta camponesa. Esse aspecto simbólico, somado à proximidade com os clientes e a comunidade local, abre espaço para aproximar turistas. O trabalho de Xavier *et al.* (2017) discute a possibilidade de relacionar produções agroecológicas com turismo, por meio da visita e da experiência como uma fonte de renda, além de festas locais com a utilização de alimentos produzidos pelos camponeses.

A partir da autogestão protagonizada pelo Grupo Bem-Estar, da agroecologia como forma de produção e reprodução social do camponês, e do Sacolão Agroecológico como forma de comercialização direta, trazendo visibilidade para as rotinas e para os produtos locais e abrindo portas para passeios e contatos com clientes que querem conhecer as hortas e a forma de produção (em vista que a agroecologia também é uma forma de educação), tem-se o potencial para um roteiro turístico.

4.2 O potencial do tbc no assentamento 72

Considerando os dados coletados na pesquisa e as análises apresentadas na seção anterior, o Quadro 2 resume as dinâmicas comunitárias do Grupo Bem-Estar.

Quadro 2 - Aspectos para desenvolvimento de TBC no Assentamento 72

Dimensão	Característica em assentamentos	Dinâmica no Assentamento 72
I	Autogestão democrática	A organização, o planejamento e o controle das atividades de comercialização e produção realizadas pelo grupo são discutidos em reuniões semanais, com a participação de todos os integrantes. A comercialização preza pela distribuição de renda igualitária. Contudo, não foram feitas capacitações para gestão de atividades turísticas.
	Integração de atividades	O grupo promove uma atividade de comercialização dos produtos agroecológicos cultivados nos lotes de cada família integrante: o Sacolão Agroecológico. Utilizam a agroecologia e a comercialização direta como principais pilares da atividade.
II	Ambiental	A agricultura camponesa tem como pilar uma relação muito próxima entre camponês e meio ambiente. Nesse sentido, a produção agroecológica se destaca tanto como uma potencialidade turística (passeios, alimentos diversos etc.) como uma fomentadora de valorização ambiental.
	Histórico e cultural	Novamente, a agroecologia se destaca como uma forma de produção que resguarda o conhecimento histórico do camponês e as suas práticas. Existe uma clara opção de aproximar o turista da história e cultura camponesa, bem como da sua forma de trabalho por meio da agroecologia.
III	Protagonismo comunitário	O Sacolão Agroecológico é a principal atividade promovida pelo grupo, dando visibilidade e protagonismo total aos camponeses. É o produto deles, comercializado por eles e gerido por eles. Abre-se portas para implementar a atividade turística por meio de visitas nas hortas e festas com alimentos locais.
	Produtos locais	A comercialização dos produtos locais já é feita pelos camponeses no Grupo Bem-Estar, o que cria um potencial ainda maior para o desenvolvimento da atividade turística.

Fonte: elaborado pelos autores, baseado em Zanetoni *et al.* (2022) e nos dados da pesquisa.

Utilizando as dinâmicas existentes em assentamentos rurais, apontadas por Zanetoni *et al.* (2022) e, a partir delas, considerando o real potencial para desenvolvimento do TBC no Assentamento 72, chega-se a alguns pontos principais que permitem compreender melhor esse potencial:

- os camponeses do grupo Bem-Estar receberam diversas capacitações, oriundas do projeto da UFMS, sobre gestão e produção agroecológica. Os relatos são positivos em relação à participação dos membros e à aplicação do conteúdo abordado, o que abre espaço para capacitações relacionadas ao turismo;
- existem conversas entre os integrantes sobre a realização de festas populares/tradicionais utilizando apenas os recursos endógenos (espaços, alimentos, infraestrutura etc.);
- as relações com atores externos à comunidade são positivas, como a UFMS e a Embrapa Pantanal; contudo, as relações com a prefeitura local são problemáticas, o que dificulta um alinhamento de estratégias e a participação de órgãos públicos nas atividades do assentamento;
- a agroecologia e o Sacolão Agroecológico se destacam como principal atrativo no assentamento, proporcionando potenciais passeios e visitas nas hortas agroecológicas.

Nesse sentido, o Assentamento 72 encontra, na gestão coletiva do Grupo Bem-Estar, na agroecologia e na proximidade com os consumidores desse tipo de alimento, oriunda da comercialização direta no Sacolão, seu maior potencial de implantar atividades de turismo geridas pelos próprios camponeses, com participação em suas rotinas e sua história local. Esses aspectos são vistos em outros trabalhos, como em Barros e Rodrigues (2019), Maia e Gomes (2020) e Campo e Silva (2020). Ainda assim, esbarram na relação conturbada com a prefeitura local, um ator externo que, no geral, tem papel fundamental nas iniciativas de TBC, por se tornar um mediador e fomentador da atividade (Xavier *et al.*, 2017; Campos; Silva, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa¹ foi avaliar o potencial para desenvolver o TBC no Assentamento 72, em Ladário, MS, a partir das atividades do Grupo Bem-Estar. O Grupo Bem-Estar é uma associação de moradores camponeses que utilizam a agroecologia como forma de produção e reprodução social dos saberes oriundos do campesinato, apresentando isso por meio da participação coletiva, solidariedade, comercialização direta com o consumidor e autonomia.

Essas características apresentam possibilidades de aproximação com o público, valorizam tanto a história e cultura camponesa quanto a relação com o meio ambiente, além de poderem proporcionar experiências com alimentos saudáveis e conhecimento de práticas de manuseio agroecológico.

Tais características endógenas podem se atrelar ao TBC, visto que este é um tipo de turismo que parte de dentro da comunidade, caracterizado por ser local e protagonizado pelos moradores. Somam-se a isso a abertura dos camponeses para novas técnicas, a boa relação com atores externos, que são potenciais fomentadores (UFMS e Embrapa Pantanal), a gama de possibilidades oriundas da agroecologia (festas locais, passeios, visitas etc.), havendo, assim, um potencial considerável para desenvolver atividades de TBC no assentamento.

Esse estudo – assim com diversos outros estudos sobre TBC – esbarra na falta de casos reais e práticos que possam servir de norteadores metodológicos; além disso, o próprio assentamento tem problemas de relações com a prefeitura local. Os resultados aqui presentes não devem servir de parâmetro para outras realidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2015.

BARROS, André Loureiro Ribeiro de; RODRIGUES, Camila Gonçalves de Oliveira.

¹ A pesquisa foi realizada com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil (CAPES), com o Código de Financiamento 001.

Educação diferenciada e turismo de base comunitária nos territórios caiçaras de Paraty (RJ). *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2019, p. 1-20, 2019.

BLACKSTOCK, Kirsty. A critical look at community based tourism. *Community Development Journal*, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 39-49, 2005.

BURSZTYN, Ivan; BARTHOLO, Roberto; DELAMARO, Mauricio. Turismo para quem? *In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 76-91.

CAMPOS, Jhonatan Soares; SILVA, Lorraine Gomes da. Potencialidades turísticas no projeto de assentamentos Serra Dourada no município de Goiás (GO) em 2017. *Revista Mirante*, Anápolis, v. 13, n. 2, 2020.

CORIOLOANO, Luzia Neide. A contribuição do turismo ao desenvolvimento local. *In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SEABRA, Giovanni de Farias; QUEIROZ, Odaléia Telles (Org.). Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 61-70.

COSTA, Edgar Aparecido da; MARTINS, Bárbara Marcela de Castro; CUNHA, Elisângela de Souza. Transição para a produção orgânica via Organização de Controle Social do Grupo Bem-Estar, Ladário-MS. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 25, p. 1-33, 2021.

COSTA, Helena Araújo. *Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? *In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FABRINO, Nathalia Hallack; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; COSTA, Helena Araújo. Turismo de base comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 172-90. 2016.

FEIDEN, Aalberto; JULIANO, Raquel Soares; COSTA, Edgar Aparecido da. Estudo preliminar da criação de aves domésticas diferentes de galinhas pelas mulheres do Grupo Bem-Estar no Assentamento 72 em Ladário MS. *Cadernos de Agroecologia*, Castanhal, v. 15, p. 1-12, 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967. p. 65-84.

GIRALDO, Omar Felipe; ROSSET, Peter Michael. La agroecología en una encrucijada: entre la institucionalidad y los movimientos sociales. *Revista Guaju*, Matinhos, v. 2, n. 1, p. 14-37, 2016.

KUKIEL, Éder Damião Goes; COSTA, Edgar Aparecido da; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. O turismo de base local e o desenvolvimento territorial do Assentamento 72 em Ladário (MS). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 133-51, 2016.

MAIA, Ana Heloisa; GOMES, Jenneffer Laura Coelho. Turismo e memórias: práticas e saberes no Assentamento Serra Verde, Barra do Garça - MT. *Revista Guaju*, Matinhos, v. 6, n. 1, p. 3-28, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

MOREIRA-GONÇALVES, Leonardo Giovane. Turismo no espaço rural como instrumento e valorização patrimonial em assentamentos de reforma agrária: o caso de Rosana, São Paulo. *Turismo e Sociedade*, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 121-42, 2020.

OLIVEIRA, Ana Amélia Neri; DIÓGENES, Conceição Malveira; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Lazer e protagonismo social: uma experiência de turismo comunitário no nordeste brasileiro. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, n. 43, p. 67-80, 2021.

PASINATO, Darciel. Memórias de gestores municipais: entre práticas, representações e narrativas de si (1973-1985). *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 389-410, 2020.

PLOEG, Jan Douwe van der. Peasant Agriculture. *International Encyclopedia of Human Geography*, [s. l.], 2020.

RAMOS, Elaine Aparecida; BORGES, Ana Claudia Giannini. As formas de produção e reprodução social nos assentamentos rurais. *Revista NERA*, São Paulo, v. 24, n. 59, p. 36-57, 2021.

SEBELE, Lesego. Community-based tourism ventures, benefits and challenges: Khama Rhino Sanctuary Trust, Central District, Botswana. *Tourism Management*, [s. l.], v. 31, n. 136-46, 2010.

XAVIER, Pricylla Wanna Lopes; OLIVEIRA, Paula Daniele Mendonça; LEITE, Jessika Kellyane Silva; RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. Turismo de base comunitária: possibilidades para o monumento natural grotta do angico e o projeto de assentamento Jacaré-Curituba, Sergipe, Brasil. *REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA*, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 104-16, 2017.

ZANETONI, João Pedro Ferraz; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto; ARAÚJO, Geraldino Carneiro de; SANTOS, Gabrielly Martins dos. Turismo de Base Comunitária (TBC) como fonte de renda para Assentamentos da Agricultura Familiar. *Economia & Região*, Londrina, v. 10, n. 3, p. 113-31, 2022.